

## UMA ANÁLISE DO GÊNERO REPORTAGEM À LUZ DOS CONCEITOS BAKHTINIANOS

Terezinha da Conceição COSTA-HUBES<sup>4</sup>

Lauciane Piovesan ZAGO<sup>5</sup>

**Resumo:** Esse artigo tem por objetivo apresentar uma análise do gênero reportagem a partir dos conceitos da teoria da enunciação. Tomando os gêneros discursivos como objeto de ensino em Língua Portuguesa e orientadas pela concepção sociointeracionista de linguagem, alicerçamos nosso *corpus* de pesquisa, principalmente, nas obras do linguista russo Mikhail Bakhtin (2003, 2004). Assim, pretendemos, inicialmente, refletir sobre a ordem metodológica para o estudo da língua proposta por Bakhtin, e em seguida, transpor esses conceitos para a análise de um texto do gênero reportagem, configurando, assim, uma possibilidade do ensino de língua por meio de situações e enunciados reais de interação.

**Palavras-chave:** Gênero discursivo. Linguagem. Ensino.

**Abstract:** *This article aims to present an analysis of the gender report from the concepts of the theory of genres as enunciation. Taking the object of teaching Portuguese language and targeted for the design socio interactionist language, support our corpus of research, mainly in the works Russian linguist Mikhail Bakhtin (2003, 2004). Thus, we intend to initially reflect on the methodological to the study of the language proposed by Bakhtin, and then translate these concepts to analyze a text report of the genre, setting thus a possibility of language teaching through situations and actual utterances of interaction.*

**Keywords:** *Gender discourse. Language. Education.*

### Introdução

Propor uma análise do gênero discursivo à luz dos conceitos bakhtinianos para o estudo da língua, é mergulhar num universo de significação e (re)significação, de

---

<sup>4</sup> Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *Campus* de Cascavel-Paraná. [terecostahubes@yahoo.com.br](mailto:terecostahubes@yahoo.com.br)

<sup>5</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *Campus* de Cascavel-Paraná. Bolsista CAPES. [lhpzlauciane@hotmail.com](mailto:lhpzlauciane@hotmail.com).

construção e (des)construção; é considerar o caráter dialógico da língua, o qual possibilita que os sentidos sejam (re)estabelecidos à medida que ocorre a interação entre autor-texto-leitor.

Assim, o estudo da língua mediado pela concretude dos enunciados reais (gêneros discursivos) recorre ao método sociológico proposto por Bakhtin/Volochinov (2004) para analisar as marcas linguístico-discursivas intrínsecas e extrínsecas ao texto. Tal proposição sugere a apreciação desses enunciados, considerando o conteúdo temático correlacionado ao seu contexto de produção; a construção composicional do gênero; o estilo, no que se refere à escolha lexical, verificando como esses elementos se apresentam na organização do texto.

Pautadas nesse pressuposto teórico, o objetivo desse texto é efetuar a análise (mesmo que parcial) de um texto do gênero reportagem, da esfera jornalística, procurando identificar seu conteúdo temático, seu estilo e sua construção composicional.

Ao buscarmos a definição para um determinado gênero discursivo, temos consciência de que adentramos num terreno instável, sem determinações fixas, visto que, como Bakhtin (2003) afirma: os gêneros discursivos são constituídos por enunciados *relativamente* estáveis, os quais refletem as condições específicas e as finalidades das esferas da atividade humana que estão relacionadas com a utilização da língua.

Para esta análise, inicialmente apresentamos uma reflexão acerca da tríade proposta por Bakhtin, na qual se organiza uma ordem sociológica de estudo da língua; em seguida analisaremos o texto selecionado para esse contexto de análise, relacionando-o com a base teórica bakhtiniana.

### **Uma análise sociológica: conceitos bakhtinianos**

Os estudos da língua numa perspectiva dialógica se apoiam em preceitos bakhtinianos que consideram a interação humana como fator condicionante para efetivação da linguagem. Sob essas condições, a língua vive, transforma-se, modifica-se, adequando-se ao contexto, ao momento histórico e aos interlocutores. Sendo assim, para estudá-la, é preciso considerar a situação de interação na qual está inserida, pois essa é a

condição para reconhecê-la em sua vivificação. Cabem, então, aos estudiosos, encontrar um método que considere tais aspectos sociais.

É nesse sentido que recorreremos à ordem sociológica para o estudo da língua, proposta por Bakhtin/Volochinov (2004), no livro “Marxismo e Filosofia da Linguagem”. Essa proposta favorece uma leitura do texto, representativo de determinado gênero, que considere a interação entre autor, texto e leitor, possibilitando uma postura responsiva-ativa diante do texto.

Ao tratar do gênero, Bakhtin destaca seu caráter social, uma vez que é constituído pelos discursos daqueles que o organizam, ou seja, “[...] cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, p.262). E define ainda que os gêneros se caracterizam por se constituírem de três elementos indissociáveis no todo do enunciado: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Essa constituição foi primeiramente apresentada no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, no capítulo em que Bakhtin/Volochinov (2004) tratam da *Interação Verbal* e propõem uma ordem sociológica para o estudo da língua, a qual apresenta a seguinte orientação que deve ser considerada no estudo de um enunciado (texto):

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos da fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias dos atos da fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p.124).

Organizando a análise sob este tripé, necessitamos, ainda que de forma sucinta, esclarecer sua significação, bem como sua relação para a compreensão global do texto. Em relação ao primeiro item, os autores orientam que, ao estudar a língua – considerando-a como social, viva e em constante transformação – deve-se atentar para “as formas e os tipos de interação” em que ela se concretiza, sem perder de vista as condições concretas, ou seja, o seu contexto de materialização. Essa orientação pode equiparar-se ao estudo do *conteúdo temático* do texto, um dos elementos apontados por Bakhtin (2003), no capítulo “Gêneros do discurso” do livro *Estética da criação verbal*.

Ao procedermos à análise do conteúdo temático de um texto, não podemos focar apenas em seu assunto, mas relacioná-lo ao contexto de produção, isto é, a quem produziu, por que, para quem, quando, onde, em que suporte, para qual veículo etc. Para Bakhtin (2003), há uma diferença entre assunto e tema. Enquanto o primeiro remete para o que o texto traz para a discussão; o segundo diz respeito à significação que não se encontra somente no texto, mas nas influências externas, ou seja, em seu contexto de produção que fez com que aquele texto fosse produzido. Assim, sua compreensão é mais ampla, contempla os aspectos não verbais e verbais, singulares, únicos, ideológicos, históricos e valorativos da língua. Portanto, o tema é determinado tanto pelas formas linguísticas quanto pelo contexto extra-verbal que compreende o compartilhamento pelos interlocutores do horizonte espaço-temporal, do conhecimento, da situação e de avaliações e julgamentos.

Para o autor (2003), os elementos linguísticos e estruturais do enunciado se manifestam de forma reiterável e idêntica, cada vez que são repetidos, mas o seu conteúdo jamais será o mesmo, pois em cada contexto, em cada momento histórico, para cada interlocutor a enunciação será única. Assim, o sentido ou tema é construído na compreensão ativa e responsiva, estabelecendo a ligação entre os interlocutores, mediados pela concretização do enunciado no texto. O sentido não está no indivíduo, nem na palavra e nem nos interlocutores; logo, é o efeito da interação entre o locutor e o interlocutor, num dado contexto e momento histórico, produzido por meio de signos sociais e ideológicos: “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo, [...], tudo que é ideológico é signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN, 2004, p.31).

Nesse sentido, a análise do conteúdo temático requer do pesquisador um olhar analítico sobre o que é dito no plano contextual (papel social do locutor e do interlocutor, contexto histórico e temporal do locutor, condições de produção etc.) como também no plano cotextual (marcas linguísticas) de um texto. Essas informações compreendidas de forma articulada contribuem para que haja, de fato, uma interação entre autor-texto-leitor.

No segundo item da ordem metodológica, os autores propõem que sejam analisadas “as distintas formas de enunciações”, mas sem perder de vista o contexto onde se realizam. Correlacionamos essa orientação com a *construção composicional* de um texto, definida conforme o gênero ao qual pertence, o qual apresenta, por sua vez,

um formato “relativamente estável” (BAKHTIN, 2004, p. 280). Entendemos que, neste item, os autores destacam a importância de identificação do gênero, considerando sua forma de organização mais ou menos definida socialmente, o que facilita na produção de outros textos do gênero, pois a organização de um enunciado corresponde ao gênero a que pertence.

Bakhtin (2003), com relação à composição de um texto, diz que o conteúdo orienta o autor, que lhe dá forma e acabamento por meio de um material. Conteúdo, acabamento e forma são interdependentes; logo, a forma é determinada pela natureza do material e dos procedimentos que a condicionam. Isso significa que, para cada enunciado, tendo em vista sua finalidade, há gêneros que podem organizá-los, dando-lhes um acabamento específico, de modo que atinja aos propósitos estabelecidos. Sendo assim, destacamos a importância do reconhecimento do gênero, pois facilitará as formas de dizer/escrever.

Por fim, no terceiro item, os autores apontam para a necessidade de se considerar, no estudo da língua, a “interpretação linguística”, isto é, o estilo, que remete ao modo como as informações são organizadas linguisticamente para cumprir com o propósito comunicativo de cada texto, conforme o gênero discursivo selecionado. Embora o estilo esteja relacionado aos aspectos linguísticos, ele também está “indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2004, p.265). Isso significa dizer que para cada gênero há um estilo, assim como para cada autor, embora haja gêneros mais favoráveis para comportar essa individualidade do falante. Os gêneros da esfera literária, por exemplo, são mais flexíveis às marcas de autoria; já os gêneros da esfera jurídica, por sua vez, requerem uma forma mais padronizada e estática. Mesmo assim, no estudo da língua devemos levar em conta as diferentes formas de manifestações linguísticas, relacionando-as ao conteúdo temático e ao gênero onde se manifestam. Como diz Bakhtin (2004): esses três elementos (conteúdo temático, construção composicional e estilo) “estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (BAKHTIN, 2004, p.262).

Nas palavras de Rojo (2005), o ponto de partida para a análise encontra-se na dimensão social, nos aspectos sócio-histórico para a partir daí significar e compreender as marcas linguístico-enunciativas em determinado gênero.

[...] aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros discursivos partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e temas discursivos – e, a partir desta análise, buscarão as marcas linguísticas (formas do texto/enunciado e da língua – composição e estilo que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação (ROJO, 2005, p.199).

Logo, ao procedermos à análise de um texto do gênero reportagem, seguindo os parâmetros da ordem sociológica para estudo da língua, tentaremos abarcar os três elementos, mas de maneira indissociável, uma vez que os elementos linguísticos tomam significação quando atrelados à determinada esfera da atividade humana e, conseqüentemente, ao contexto sócio-histórico de produção.

### **Uma tentativa de análise: em foco o gênero discursivo reportagem**

Um dos princípios básicos para a análise do conteúdo temático de um texto, assim como da construção composicional e do estilo, é identificar a esfera social que constitui o gênero discursivo. Nesse sentido, Bakhtin assevera que

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, gera um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico (BAKHTIN, 2003, p.284).

Dessa forma, à medida que compreendemos a importância da esfera social na constituição e na organização de um determinado texto, concebemos também que um gênero discursivo atende às necessidades de interação em virtude do contexto no qual foi produzido, o que demanda em sua instabilidade formal diante de um propósito comunicativo. Nas palavras de Bakhtin: “cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade a sua própria maneira, cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social” (BAKHTIN, 2003, p.84).

Assim, a constituição e determinação de um gênero se dá, primordialmente, pela esfera que o organiza. Assim, conforme Rodrigues,

Partindo da relação constitutiva entre as esferas sociais e a constituição e o funcionamento dos gêneros do discurso, a consideração da existência de um conjunto de gêneros particulares, no caso, os gêneros jornalísticos, leva necessariamente à análise das especificidades da esfera onde ele se situa, a esfera jornalística: as condições sócio-históricas da sua origem e de seu desenvolvimento, a sua função sócio-discursiva no conjunto da vida social, entre outros aspectos (RODRIGUES, 2001, p.74).

Tomando como base esses preceitos, destacamos que o texto, objeto de análise (anexo), intitulado *A justiça é amiga dos Gays*, pertence ao gênero reportagem, da esfera jornalística. Foi produzido por Vanessa Vieira e publicado na Revista Superinteressante, em maio de 2011, ocasião em que circulou a polêmica entre a legalização de casamentos entre homossexuais. Logo, caracteriza-se por vários aspectos, dentre os quais destacamos sua funcionalidade que é informar, polemizar um tema/fato, emitindo opinião mesmo que de forma sucinta.

A esfera jornalística tem-se destacado ultimamente como uma das esferas propagadoras de discursos, de ideias, de valores, alcançando interlocutores nas mais diferentes esferas e níveis sociais, pois com o advento das tecnologias e com a inovação das redes de comunicação, essa esfera foi se transformando e se adaptando às exigências de seus interlocutores. Assim, a cada dia inova seus gêneros e/ou cria outros, com o propósito de atender a sua função comunicativa. Como o objeto da esfera jornalística se constitui o horizonte de acontecimentos, fatos, conhecimentos e opiniões da atualidade, de interesse público, ela precisa estar atenta às inovações e aos interesses do público para fazer-se presente em todas as situações. Nesse contexto,

[...] sua função sócio-ideológica se caracteriza por fazer circular (interpretar, ‘traduzir’) periódica e amplamente as informações, conhecimentos e pontos de vista da atualidade e de interesse público, ‘atualizando’ o nível da informação da sociedade (ou de grupos sociais particulares) (RODRIGUES, 2001, p.81).

Sendo, nesse caso, a revista o suporte real da reportagem em análise, temos de tomar o cuidado para que esse suporte não seja generalizado como único veículo de circulação da esfera jornalística, visto que esse gênero pode estar materializado em jornais escritos, televisivos e radiofônicos, ou ainda em páginas da internet, *sites* especializados, dentre outros.

Nesse sentido, o suporte, assim como a esfera, interferem diretamente na organização do texto, determinado sua construção composicional e seu estilo. Dessa

forma, as reportagens presentes em revistas, como esta que estamos analisando, buscam articular os aspectos linguísticos aos aspectos gráficos, com intencionalidades claras, considerada sempre a ideologia da organização que representa. Podemos citar, como exemplo, a relação entre a figura que simboliza a justiça e o próprio título da reportagem o qual já direciona o interlocutor para o conteúdo temático do texto: espera-se encontrar nele atitudes da justiça que favoreçam o casamento entre homossexuais.

Apesar de a revista ser um suporte que veicula diversas informações, ela objetiva convencer o leitor a adquirir o produto, que neste caso é a revista Superinteressante. Esse dado não pode ser perdido de vista, uma vez que em suas abordagens, o caráter persuasivo e ideológico fica muito marcado, a fim de atingir possíveis leitores/consumidores do “produto”.

A Revista Superinteressante, por exemplo, é publicada pela editora Abril e é a 4ª revista mensal de maior circulação no Brasil, com uma tiragem de 356.756 mil exemplares por edição. Sua primeira edição chegou às bancas em outubro de 1987, por Victor Civita, fundador da Editora Abril. A revista apresenta-se também na versão digital, na tentativa de atender diferentes públicos. Na carta ao leitor publicada em janeiro de 2002, edição 172, redigida pelo então diretor de redação Adriano Silva, é possível observar o público a quem a revista pretende se direcionar:

[...] Escrevemos para jovens de todas as idades. Gente com sede de conhecimento e de novas informações, interessada em aprender sempre, em colocar à prova suas próprias convicções de tempos em tempos. Gente inteligente, criativa, amiga das luzes e das diferenças, que adora vender e comprar ideias de primeira linha e que, por tudo isso, detesta dogmas, obscurantismo, totalitarismo ideológico, aridez mental. [...] Super, portanto, não é uma revista dirigida a adolescentes nem uma revista escrita só para adultos. Ela quer dialogar, interessar e instigar a ambos. (*apud* IBELI e SILVA, 2009, p.540)

Dessa forma, são diferentes os públicos a serem atendidos pelas diferentes temáticas e publicações nela veiculadas. Mas sua linguagem leve nos dá dicas de que quer mesmo se comunicar com aqueles leitores que não gostam muito de se aprofundar, que preferem uma leitura mais rápida, sem precisar “queimar” muitos neurônios. Isso pode ser facilmente comprovado já nas primeiras linhas da reportagem:

Virou mania nacional: bater no deputado carioca Jair Bolsonaro se tornou atividade favorita de 10 entre 10 defensores da igualdade e da

tolerância. Pudera. Em entrevistas, Bolsonaro soltou uma avalanche de disparates [...].

Essa leveza não está presente apenas na escolha lexical. Podemos senti-la também na estrutura sintática, o que comprova o estilo adotado não apenas nesta reportagem da revista, mas também em outros textos.

Por outro lado, a revista *Superinteressante* tem como público-alvo uma camada da sociedade brasileira que é privilegiada tanto econômica quanto intelectualmente: a chamada classe B. De certa forma, o acesso à cultura letrada, nesse caso, a materiais impressos, empregam aos seus leitores um caráter elitizado.

Ao tratarmos mais especificamente do texto em foco, destacamos que a autora, Vanessa Vieira, é formada em relações públicas, tendo uma seção destinada às suas reportagens na revista em questão. Um aspecto interessante a ser ressaltado sobre ela é a primazia da abordagem, na maioria das vezes, a assuntos polêmicos. Não quebrando seu estilo, nesta reportagem em especial, digamos que a escritora tem ‘autoridade’ para abordar a questão da justiça em relação aos homossexuais. Lopes-Rossi (2011) reforça essa ideia quando afirma que a reportagem, enquanto gênero discursivo, baseia-se em fontes e opiniões de especialistas para passar credibilidade ao leitor.

Os aspectos levantados e trazidos para a discussão até então, ou seja, questões de autoria, de suporte e de veículo de circulação, possuem uma estreita relação com o conteúdo temático, uma vez que aspectos do contexto de produção possibilitam nossa interação com o texto de forma mais segura e eficiente.

Em relação ao conteúdo temático do texto, a reportagem discorre acerca da união estável entre casais do mesmo sexo e os preconceitos que giram em torno desse fato, bem como o posicionamento da justiça perante o caso. O assunto em questão tem sido foco de diferentes discussões e polêmicas em diversos meios de comunicação. Com opiniões diferentes e posicionamentos marcados por preconceitos e ideologias, entra no cenário, foco da reportagem, o deputado Jair Bolsonaro, o qual se posicionou, publicamente, contra o homossexualismo, utilizando-se de termos pejorativos e preconceituosos ao referir-se aos homossexuais. Para reacender a memória dos interlocutores, a autora recupera a fala do deputado:

Eu sou contra a adoção por casais homossexuais. Se um de nós for criado por um homossexual, com certeza vai ser um homossexual. [...]

É o fim da família, o fim do respeito. Vocês também não iam gostar de ter um filho ladrão. Fere os princípios éticos e morais.

Pautada nessa declaração do deputado, a repórter aproveita-se para confrontar opiniões pessoais do deputado Bolsonaro às decisões da justiça que se insere neste contexto contra o preconceito proferido em relação à união de casais do mesmo sexo. Esse posicionamento da justiça é destacado pela autora em diferentes trechos:

Essas vitórias no Judiciário estão cumprindo o papel que as leis não cumprem: tratar homossexuais e heterossexuais da mesma maneira. Afinal, é muito mais fácil fazer um juiz decidir a favor dos gays do que a maioria do Congresso aprovar uma mudança na lei.

[...]

Mas, segundo a Comissão da Diversidade da Ordem dos Advogados do Brasil, tribunais de todo o país já reconheceram em pelo menos 1 026 processos a união entre pessoas do mesmo sexo. Em muitos desses casos, ficou entendido que houve união estável do casal e que, já que todos são iguais perante a lei, não haveria por que tratar os gays de forma diferente.

[...]

Essas decisões favoráveis abrem jurisprudência, ou seja, acabam servindo de referência para outros juízes ao julgar casos semelhantes.

A discussão desse tema só foi possível no texto-reportagem porque a autora tem um espaço conquistado na revista Superinteressante, tem a credibilidade dos editores e por conhecer seus possíveis leitores, a quem credita interesse pelo assunto. Compreendido dessa forma, o assunto não mais se reduz ao texto, mas relaciona-se ao seu contexto de produção e de circulação, podendo, portanto, ser tratado de *conteúdo temático*.

Por se tratar de um texto do gênero reportagem, na construção composicional destacamos que se trata de um gênero que se organiza a partir de relatos de acontecimentos/fatos/situações importantes, tendo como autoria um repórter inserido no contexto de um jornal ou revista (veiculados de forma impressa, no rádio, na televisão ou *online*). Difere-se da notícia por ampliar as informações, apontando para as causas e as consequências do fato em questão, estimulando o debate. Enquanto a notícia descreve o fato e, no máximo, seus efeitos, a reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma sequência investigativa que extrapola meramente o ato de transmitir uma informação. Dessa forma, a reportagem apura não somente a origem dos fatos, mas suas razões, seus efeitos, suas implicações e, conseqüentemente, abre o debate sobre um acontecimento, desdobra-o em seus aspectos mais importantes e divide-o em retrancas

diferentes que podem ser agrupadas em uma ou mais páginas. A notícia não esgota o fato. A reportagem pretende fazê-lo. Nela predominam os tipos de discursos do mundo do narrar: relato interativo, com sequências narrativas, descritivas e dialogais, conforme definições de Bronckart (2003).

Segundo Baltar (2004), a reportagem é o gênero mais complexo e mais elaborado do jornalismo que envolve coleta minuciosa de dados, entrevistas, consultas e outras mídias como rádio, TV e internet. Esse gênero pode ser considerado a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade.

Por outro lado, conforme Bronckart (2003), o gênero reportagem se inscreve no discurso da ordem do narrar que, por focar-se em fatos implicados com a situação social em curso, organiza-se em forma de relato interativo, a partir de sequências narrativas, intercaladas com outras explicativas e argumentativas, visto que o texto, de uma certa forma, prima também por persuadir os leitores para um determinado posicionamento, o da justiça (e também da autora), em detrimento do depoimento do deputado Bolsonaro. É o que a repórter registra no texto:

O preconceito contra gays não é novidade – mas parece estar piorando.  
[...]  
Essas vitórias no Judiciário estão cumprindo o papel que as leis não cumprem: tratar homossexuais e heterossexuais da mesma maneira.

Por ser um texto escrito para veicular numa revista, sua organização precisa se adequar ao espaço disponível. Considerando esse aspecto, a reportagem foi exposta em duas páginas, ficando os recursos gráficos (figuras, gráficos, etc.) dispostos à esquerda e o texto escrito à direita, em colunas. Essa forma de organização, recorrendo à análise semântica, remete aos comportamentos dos leitores diante de um texto. Sendo nosso sistema de escrita organizado da esquerda para a direita, de cima para baixo, estudos nos mostram que, quando interagimos com determinado texto, trazemos de nossa memória essas informações, direcionando primeiramente o olhar para a esquerda. Portanto, isso explica, de certa forma, essa organização, sendo sua intenção chamar a atenção dos leitores às informações rápidas e essências para a compreensão do texto.

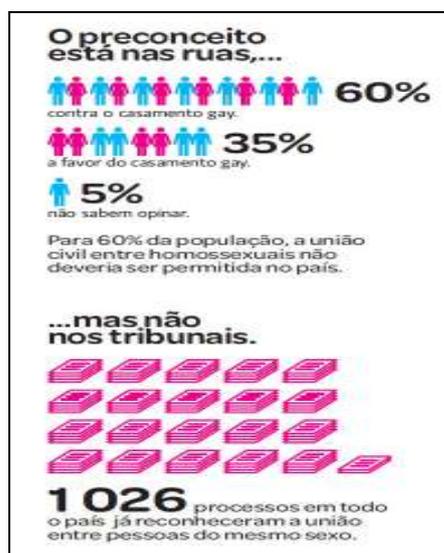
Numa análise mais detalhada, trazemos a figura 1:



FIGURA 1: A Justiça é amiga dos gays

A figura 1 mostra uma mulher com uma venda colorida nos olhos e uma balança na mão direita. Segundo o Supremo Tribunal Federal (2011), a balança significa a ponderação e a igualdade nas decisões aplicadas pela lei. A mulher é a representação da divindade grega Têmis, a qual objetiva a imparcialidade e a igualdade. A venda colorida nos olhos da deusa indica que o desejo da justiça é de que todos sejam iguais perante a lei, traduzindo também como um símbolo da imparcialidade, e as cores simbolizam os movimentos gays. Na direita da figura, há a frase “eu vos declaro marido e marido”, a qual remete à cerimônia religiosa, talvez como uma forma de chamar a atenção contra o preconceito da própria igreja que não aceita ainda o casamento entre homossexuais, e também para destacar a luta judicial que é a união (casamento) entre casais do mesmo sexo.

Na imagem 2, a forma de organização chama a atenção para as pesquisas realizadas acerca do preconceito quanto a casamentos de casais homossexuais:



Sendo os recursos ideográficos amplamente usados em textos jornalísticos, possibilitam uma leitura dinâmica e precisa da informação. No caso dessa figura, o leitor mais imediatista lê apenas o que está mais destacado, aproveitando-se dos dados coletados em pesquisa de opinião, os quais marcam, de forma incisiva, o posicionamento da população em relação ao casamento entre casais do mesmo sexo. Numa escala de 100%, 60% manifestam-se contrários ao casamento gay e somente 35% se mostram a favor, o que é contrário ao teor do texto, no qual fica explicitado o direcionamento da reportagem a favor do casamento entre homossexuais.

O gráfico apresenta também que 1026 de processos em todo país já reconheceram a união civil entre homossexuais. O jogo entre a linguagem verbal e a não verbal, além de ser uma forma eficiente de chamar a atenção dos leitores, expressa, de forma clara e objetiva, a informação pretendida. Trazer para a reportagem dados de pesquisa de opinião pública é uma forma de dar credibilidade à reportagem, mas, por outro lado, pode reforçar o posicionamento do(s) interlocutor(es) que aderem à maioria. Seria esse o interesse da repórter? Somente uma análise mais atenta aos aspectos discursivos do texto, sustentados nas marcas linguísticas e na construção composicional da reportagem, poderia responder a tal questionamento (o que não nos cabe nesse momento)

Todavia, é importante lembrarmos, conforme Bakhtin (2004), que as palavras não são neutras; aliás, que nada em um texto é neutro ou é exposto aleatoriamente. Tudo tem um propósito, uma intencionalidade. Para Bakhtin/Volochinov:

Qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação [...] A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for superior ou inferior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido etc.). [...] Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, tanto pelo fato de que se dirige para alguém (BAKHTIN, 2004, p.112-113).

Dessa forma, a situação de interação, ou seja, seu contexto imediato e seus possíveis interlocutores determinam as escolhas lexicais, ou seja, aquilo que pode e deve ser dito em relação ao tema. Portanto, o querer dizer do autor é determinado a partir do outro (interlocutor-contexto de produção). No caso das palavras que constituem o texto, deve-se considerar que são escolhas da repórter que, por sua vez,

considerou seus interlocutores e também o contexto de produção (editores da revista, ideologia dos editores etc.).

Sendo a palavra considerada um signo social que “vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta” (BAKHTIN, 2004, p.124), faz-se necessário tomá-la como objeto de estudo uma vez que materializa a significação do signo em diferentes situações de interação. Portanto, partimos do pressuposto de que as escolhas lexicais constituem e materializam os discursos. Dessa forma, o estilo, aspecto integrante do método sociológico de Bakhtin, é marcado pelas escolhas lexicais, sintáticas e pelos aspectos gráficos não verbais, dispostos intencionalmente pelo locutor.

Chamamos a atenção para a análise do título da reportagem: “A justiça é amiga dos Gays”. Nesse pequeno fragmento é possível verificar o posicionamento do locutor (repórter) em relação ao assunto abordado. Sendo a palavra um signo ideológico, numa análise lexical trazemos a palavra **JUSTIÇA** escrita com a primeira letra maiúscula, denotando, dessa forma, o grau de importância dentro da temática explorada. Na palavra “amiga” conferimos um grau de proximidade entre a justiça e o movimento gay. Essa “intimidade” gerada pela escolha lexical entra em contradição, pois a Justiça, como organização jurídica, deve manter um distanciamento de seus sujeitos, analisando-os com imparcialidade. O termo “gays”, por sua vez, reforça a utilização de uma linguagem informal, popular, com vistas a estabelecer maior proximidade com o público leitor. Caso contrário, poderia ter empregado termos mais científicos como as palavras *homossexuais*, *homoafetividade*, dentre outras.

Ao iniciar a reportagem, a autora utiliza a expressão “**VIROU MANIA nacional...**”. O destaque dado fica a cargo de chamar a atenção do leitor (letras maiores, destacadas) para o assunto/tema que será debatido, assim como para o posicionamento do deputado Bolsonaro. Com uma linguagem simples e corriqueira, atende ao propósito da reportagem que é, além de tratar assuntos da atualidade, instigar o leitor a uma tomada de posição, ou melhor, convencer o leitor sobre o posicionamento da revista, ou instituição que representa. Essa mesma forma leve de dirigir o texto aparece também em “E não para por aí:”, “Assim, pelas beiradas, homossexuais estão garantindo o direito de ser tratados igualmente.”, “E vem mais por aí.”

Quanto ao estilo podemos aferir ainda que, por se tratar de um gênero

secundário<sup>6</sup>, exige uma organização mais complexa, perceptível nas escolhas lexicais, nas estruturas frasais longas bem articuladas, nos recursos linguísticos e metalinguísticos utilizados sempre com objetivos de atingir o propósito comunicativo de determinada situação de interação.

### **Considerações finais**

Com essa breve análise, tentamos atender à proposta inicial que era (re)visitar alguns conceitos da teoria bakhtiniana e tentar transpô-los para a leitura de um texto. Assim, sem a intenção de limitar ou esgotar a possibilidade de significações, fizemos uma leitura do texto em foco, olhando para seu conteúdo temático, seu estilo e sua construção composicional.

Todavia, destacamos que essa análise poderia se estender em vários aspectos, aprofundando mais esses conceitos. Mas o nosso objetivo era mostrar que a análise é possível. Basta apenas que nos debrucemos sobre o texto, relacionado-o às manifestações concretas (gêneros discursivos), partindo de seus aspectos sociais (qual a esfera da atividade humana? O que a caracteriza – aspectos sociais e ideológicos?) para, após essa contextualização, compreender, significar e a analisar as marcas linguístico-discursivas (construção composicional e estilo) num determinado gênero discursivo.

### **Referências**

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e gêneros textuais**. Caxias do Sul: ABDR, 2004.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividades de linguagem, texto e discurso: por um interacionismo sóciodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 2003.

---

<sup>6</sup>Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. (...) esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (...). Os gêneros primários (conversa de salão, carta, relato cotidiano, etc), transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios (Bakhtin, 2003, p. 281).

IBELI, Luana Fernanda; OLIVEIRA, Roberta Daniele. Relação entre jornalismo impresso e novas tecnologias: uma análise da revista Superinteressante. **Anais Lecotec** (simpósio de Comunicação, tecnologia e educação cidadã. FAAC. 2009. Disponível em <http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/lecotec2009/anais/0534-0553IBELLISILVA.pdf>. Acesso em 26/05/ 2012.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. **Literatura de reportagem em sala de aula a partir da perspectiva bakhtiniana de gênero discursivo**. Universidade de Taubaté. Disponível em: <<http://alb.com.br/arquivo-morto/anais-jornal/jornal4/comunicacoes/PDF/14leiturasreportagemLOPES ROSSI.pdf>> Acesso em: 14 jul. 2011.

RODRIGUES, Rosangela Hammes. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. LAEL: PUC-SP, 2001 (Tese de doutorado).

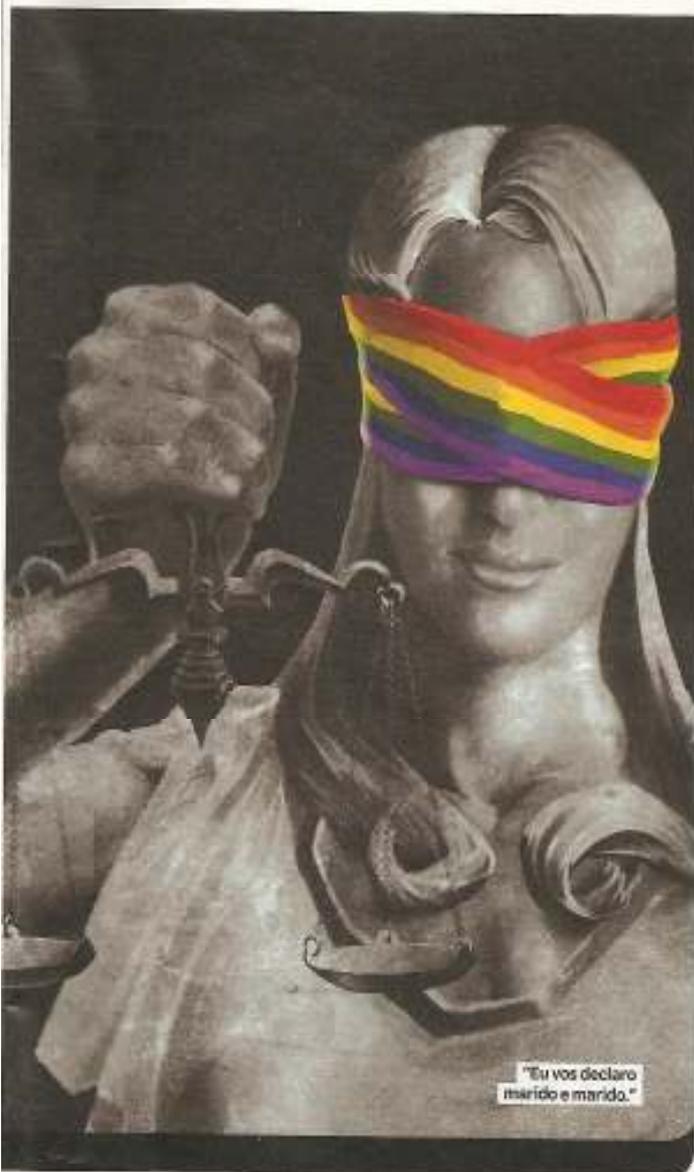
ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p.184-207.

VIEIRA Vanessa. A JUSTIÇA é amiga dos gays. **Revista Superinteressante**, São Paulo, n. 291, maio/2011.

### Sites pesquisados

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (2011). **Símbolos da Justiça**. Disponível em: <[http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=bibliotecaConsulta\\_ProdutoBibliotecaSimboloJustica&pagina=inicial](http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=bibliotecaConsulta_ProdutoBibliotecaSimboloJustica&pagina=inicial)> Acesso em 10 jul. 2011.

**ESSENCIAL**



## A Justiça é amiga dos gays

Não se deixe enganar por discursos homofóbicos como os do deputado Jair Bolsonaro: os gays estão revidando. E o palco de combate escolhido são os tribunais de todo o país.

➤ TEXTO VANESSA VIEIRA

Ilustração: Aurélio Carvallo

## Virou mania nacional:

bater no deputado carioca Jair Bolsonaro se tornou atividade favorita de 10 entre 10 defensores da igualdade e da tolerância. Pudera. Em entrevistas, Bolsonaro soltou uma avalanche de disparates: "Eu sou contra a adoção por casais homossexuais. Se um de nós for criado por um homossexual, com certeza vai ser um homossexual". E logo depois comparou gays com ladrões: "É o fim da família, o fim do respeito. Vocês também não iam gostar de ter um filho ladrão. Fere os princípios éticos e morais". O preconceito contra gays não é novidade - mas parece estar piorando. Em abril, um estádio de vôlei inteiro vaiou e xingou de "bicha" e "viado" o jogador Michael dos Santos, do time Vôlei Futuro, que é gay assumido. Uma pesquisa feita pelo Grupo Gay da Bahia concluiu que o assassinato de homossexuais no Brasil subiu 31% no último ano e chegou a 260 casos. E outra, da Fundação Perseu Abramo, mostra que 64% das pessoas acreditam que casais de gays e lésbicas não deveriam andar abraçados ou se beijar em locais públicos e que apenas 24% pensam que os governos deveriam ter a obrigação de combater a discriminação de homossexuais. Para 70% "isso é um problema que as pessoas têm de resolver entre elas".

Mas não é isso que pensam os gays - para eles, a discriminação é um problema que tem de ser resolvido na Justiça. E é lá que eles estão conquistando seu espaço. Veja o caso do bancário aposentado José Américo Grippi. Em fevereiro deste ano, aos 66 anos, ele se tornou o primeiro homossexual a conquistar na Justiça Federal o direito de receber pensão militar. Grippi viveu por 35 anos com o capitão Darcy Teixeira Dutra, morto em 1999, e brigou pelo direito ao benefício, inicialmente negado pelo Exército. "Nosso amor não era banal, era sincero", declarou Grippi - e, assim como em qualquer casal hétero, recebeu seus direitos de viúvo. No ano passado, o Superior Tribunal de Justiça concedeu a guarda de duas crianças a um casal de lésbicas de Bagé. Os filhos haviam sido adotados por Luciana Maidana e eram criados desde 1998 ➤

SUPERNOVAS ➤ MAIO 2011 SUPER 19